

MUSEU DA PESSOA

História

Amor e trem a vapor

História de: [Moni Abreu](#)

Autor: [Moni Abreu](#)

Publicado em: 24/10/2009

História completa

No tempo em que o trem a vapor circulava entre o Rio de Janeiro, a capital do Brasil e o interior do estado, as moças deviam casar cedo e os homens casadoiros eram os que já estavam estabelecidos na vida. Na interiorana cidade de Areal, uma pequena estação da estrada de ferro era uma breve parada entre a capital e o município de Três Rios, por onde a locomotiva passava trazendo contos de réis e outros tantos sonhos conquistados na cidade grande, cruzando a ponte de ferro sobre o translúcido rio Piabanha e o túnel enegrecido que cortava uma grande fazenda de laranjas. Foi nessa época que minha avó, filha do grande fazendeiro de Areal, estava, aos 15 anos, encaminhada num noivado com um rapaz bem sucedido de 23 anos, filho de um comerciante local. Ela tinha grandes olhos azuis vivos, mãos delicadas e habilidosas no bordado. Floripes era o seu nome e seu coração, no entanto, pertencia ao galanteador de bolsos vazios, Otávio, cujos amendoados olhos verdes haviam conquistado seu amor, mas haviam partido para capital em busca da fortuna. Na estação que ficava defronte à grande casa onde Floripes morava, Otávio prometera voltar para buscá-la quando estivesse à sua altura e foi embora levando pelo túnel escuro de pedras, o som do apito do trem fumarento e as lágrimas de Floripes consigo. O tempo passou. Floripes completou 17 anos e nada de Otávio voltar. A pressão da família era grande. Floripes precisava casar, e rápido, pois estava já ficando velha e seu noivado já se estendia por tempo demais. Floripes se desesperou. Onde estaria seu belo Otávio, de profundos olhos verdes? O que ela faria se tivesse que realmente se casar com aquele homem a quem não amava? Pensando assim, Floripes se deixou ficar languidamente olhando o horizonte da enorme janela, as mãos maquinalmente fazendo desenhos com as linhas enquanto ela namorava seu noivo, tendo (felizmente) sua mãe entre ambos, sentados todos numa marquesa estreita. Eis que ela ouve o trem. Sente o barulho compassado gostoso e estrepitante ecoando a casa inteira. Esperava ver passar a fumaça que sempre subia em direção ao teto da grande casa. O ruidoso apito costumeiro, de repente tornou-se um som alvissareiro. O trem atravessara o enorme laranjal depois do túnel e eis que ela avista da janela, lá dentro do trem, todo garboso em um terno bem talhado e com um chapéu panamá novíssimo... Sim... era Otávio quem chegaria em instantes na estação e logo estaria em sua casa para pedi-la em casamento.... Alegria batendo no peito e ruborecendo as faces, quase não conseguiu disfarçar da mãe e do rapaz. Mas ... e o que fazer com o noivo? O que ela alegaria à família? Enxota que enxota o homem dali, diz que está com enxaqueca, que ele se retire, pois a hora se adiantou e não fica bem ele ficar tanto tempo em sua casa. O que os vizinhos vão dizer? Ela não quer ser mal falada. O homem, atabalhoado e atordoado com tanta intempestividade e alarido, levanta-se já a procurar seu chapéu e buscando a saída. Eis que ele, em sua pressa e falta de razão, solta a expressão “cadê o sacana do meu chapéu?”... Enfim, Floripes encontra seu mote e diz-se ofendida com palavra de tão baixo calão em sua casa, como ele poderia proferir tal coisa em sua presença e jogando-lhe o anel de ouro e brilhante na palma da mão, disse um seco “ponha-se para fora de minha casa e não volte”, instantaneamente terminando o longo e indesejado noivado. Deu-se meia hora e à sua porta batia o par de gemas verdes mais lindas da sua vida, pelos quais seu coração palpitava e seus olhos cegamente amava e ansiava. Otávio casa-se com Floripes dos olhos azuis e foi minha mãe, de olhos verdes como Otávio, que contou-me esta e outras peripécias que são do tempo em que o trem apitava e fumegava. (História enviada em setembro de 2009)